

## AFETO E ANGÚSTIA: APONTAMENTOS EM FILOSOFIA E PSICANÁLISE

AFFECT AND ANGUISH: NOTES ON PHILOSOPHY AND PSYCHOANALYSIS

Luciney Sebastião da Silva<sup>1</sup>  
Aparecida Rosângela Silveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar, à luz da Filosofia e da Psicanálise, o afeto, a angústia e as possíveis incidências na constituição subjetiva, em especial atentando-se ao fato de que a angústia pode sinalizar um sofrimento que remete o sujeito à clínica psicanalítica. A constituição do sujeito passa por um estado afetivo que busca sentido, orientada o tempo todo pelo aparato psíquico, de modo que o recalque, atrelado à perda do objeto, é a condição do surgimento do afeto da angústia e não a sua defesa contra. Considerando que a manifestação da angústia pode apresentar dimensões avassaladoras e impossibilidade de atenuação, o problema que se coloca é: o que perpassa a relação entre afeto e angústia e em que medida esse liame pode incidir na constituição subjetiva? Para tanto, será desenvolvido um estudo de caráter bibliográfico descritivo e analítico, com base na filosofia e na Psicanálise. A base teórica está dividida numa exposição geral sobre a questão dos afetos e da angústia em autores da Filosofia Moderna e Contemporânea, na teoria psicanalista de Freud e de Lacan e, por fim, numa breve e sucinta análise dos indícios da travessia da angústia como instância subjetiva. No tocante ao propósito deste estudo sobre Afeto e Angústia, o discurso e o posicionamento do sujeito, uma vez provenientes dessa excitação psíquica, remontam à inconstância de um mundo simbólico e de precariedade de fatores significantes do âmbito da linguagem. A investigação levou a concluir que a angústia é inerente à condição humano-subjetiva e se o afeto da angústia leva o sujeito à clínica, não se trata de superá-lo, mas de proporcionar um momento de elaboração para lidar com o que fundamenta a angústia.

**Palavras-chave:** Afeto. Angústia. Filosofia. Psicanálise.

**Abstract:** The objective of this study is to analyze, in the light of Philosophy and Psychoanalysis, affection, anguish and the possible impacts on the subjective constitution, especially paying attention to the fact that anguish can signal suffering that sends the subject to the psychoanalytic clinic. The constitution of the subject goes through an affective state that searches for meaning, guided at all times by the psychic apparatus, so that repression, linked to the loss of the object, is the condition for the emergence of the affect of anguish and not its defense against it. Considering that the manifestation of

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia (UFOP). Especialista em Filosofia (Unimontes). Especialista em psicanálise (FACITEC). Especialista em Terapia Ocupacional em Saúde Mental (FAMESP). Graduado em Filosofia (PUC-MG). Graduando em Psicologia (UnifipMoc). Professor Departamento de Filosofia (Unimontes).

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia (UFMG). Mestre em Saúde Pública (UFMG). Especialista em Saúde Mental e Especialista em Saúde Pública (Escola Nacional de Saúde Pública). Graduada em Psicologia (PUC-MG). Colaboradora do Programa de Extensão Universitária Laços: Psicanálise, Subjetividades Contemporâneas e Laço Social e colaboradora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Cuidado Primário em Saúde (Unimontes). Atua em clínica psicanalítica.

anguish can present overwhelming dimensions and impossibility of mitigation, the problem that arises is: what permeates the relationship between affect and anguish and to what extent can this link affect the subjective constitution? To this end, a descriptive and analytical bibliographical study will be developed, based on philosophy and Psychoanalysis. The theoretical basis is divided into a general exposition on the issue of affections and anguish in authors of Modern and Contemporary Philosophy, in the psychoanalytic theory of Freud and Lacan and, finally, in a brief and succinct analysis of the signs of the crossing of anguish as a subjective instance. Regarding the purpose of this study on Affect and Anguish, the speech and positioning of the subject, once arising from this psychic excitement, go back to the inconstancy of a symbolic world and the precariousness of significant factors within the scope of language. The investigation led to the conclusion that anguish is inherent to the human-subjective condition and if the affect of anguish takes the subject to the clinic, it is not a question of overcoming it, but of providing a moment of elaboration to deal with what underlies the anguish.

**Keywords:** Affection. Anguish. Philosophy. Psychoanalysis.

## 1 Introdução

Atualmente, o termo “angústia” tem sido muito debatido ou tem sido muito frequente dizer que alguém está angustiado, mas o que se nota é que o termo “angústia” é utilizado sob diversas outras denominações como depressão, síndrome do pânico, fobias, transtorno de ansiedade, dentre outros<sup>3</sup>. Desse modo, não é raro se escutar queixas de pessoas que sofrem de angústia, sendo estas associadas a certos sintomas e sofrimentos que se desdobram no campo subjetivo e seus rebatimentos no somático.

Percebe-se, igualmente, que há uma crescente tendência de medicalização para tratar situações subjetivas e sintomas por vezes diagnosticados como quadros de depressão e outros. Muito provavelmente e, conforme salienta Sonia Leite, isso pode ser é um reflexo do que hoje existe “uma verdadeira *Weltanschaung*, ou seja, uma visão de mundo cientificista que pretende dar a última palavra para todas as problemáticas do ser humano”. (LEITE, 2017, p. 20). O fato é que quando do sujeito é tomado pela angústia ou por seu agravamento, ele tende ou é orientado a vencer essa espécie de vazio no âmbito de seu desejo e, normalmente, procura-se uma solução imediata para evitação do sofrimento subjetivo.

Entretanto, uma saída encontrada para o lidar com a angústia por meio da farmacologia ou da psicofarmacologia é diferente do modo que o sujeito poderia encontrar para seu quadro angustiante quando ele o faz buscando em reflexões filosóficas ou mesmo na

<sup>3</sup> Cf. APA - [American Psychiatric Association]. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR** [recurso eletrônico] /; tradução: Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso, Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório, José Diogo Ribeiro de Souza. – 5. ed., texto revisado. – Porto Alegre: Artmed, 2023.

psicanálise. Esta última perspectiva, sobretudo, a clínica psicanalítica possivelmente levá-lo-ia a refletir sobre a origem da angústia e do desconforto emocional e afetivo vivenciado naquele momento, visto que ao localizar a emergência da angústia na clínica, o analista se atentaria para o fato de que o sujeito estaria passando pela experiência de encontrar algo que, de certa forma, marcou seu campo simbólico, como será analisado ao longo deste texto.

É possível analisar, a partir de estudos iniciais de Freud, que a angústia afeta diretamente o corpo, já que é justamente nele que aparecem seus indícios, como o acelerar das pulsações do coração. Inclusive, a angústia pode aproximar-se do gozo na medida em que faz o corpo transbordar em sensações desprazerosas. No ser humano, o ato do nascimento sinaliza a primeira vivência individual da angústia, cujo afeto representa uma necessidade biológica na situação de perigo. Freud (1926/1976), em *Inibição, sintoma e angústia*, salienta que a angústia surge como uma reação a esse estado de perigo, podendo levar à vivência de desamparo ou ao trauma. Em um segundo momento de teorização, Freud deixa entrever que a angústia está ligada à situação de confronto, fundamental para a constituição do sujeito.

Para Lacan, “o sujeito se aperceberá de que seu desejo é apenas vazio contorno da pesca, do fisiamento do gozo do outro - tanto que, o outro intervindo, ele se aperceberá de que há um gozo mais além do princípio do prazer” (1964/1996, p.174-175). O autor ressalta ainda, no *Seminário 11*, que a fantasia é a sustentação do desejo, em que o sujeito se apresenta como desejante, em um âmbito dos significantes cada vez mais complexo, tal como ressalta Miller sobre a angústia como via de acesso ao real:

[...] a angústia lacaniana, é uma via de acesso ao objeto pequeno a. Ela é concebida como a via de acesso ao que não é significante. É preciso dizer que a própria angústia, a angústia enquanto tal, não é significante; como via de acesso ao resto que não é significante, Lacan escolhe uma via equívoca, uma via que parece duvidosa e que é a de um afeto (MILLER, 2005, p.11).

Diante disso, indaga-se aqui sobre o que perpassa a relação entre afeto e angústia e em que medida esse liame incide sobre a constituição subjetiva ao ponto de recair como algo avassalador, demandando, inclusive um manejo psicanalítico? E, com isso, pretende-se, com essa investigação, analisar à luz da Filosofia e da Psicanálise os reflexos do afeto e da angústia na constituição do sujeito, desde sua forma de manifestação mais comum àquela causadora de sofrimento “insuportável”, percorrendo também situações da experiência existencial do sujeito, que retratam a angústia como condição inerente ao ser humano.

Incialmente, será definido e discorrido sobre a condição existencial por meio da noção de afeto e de angústia na filosofia; em seguida, será examinada a teoria psicanalítica em Freud – ao retratar a angústia como algo que articula com o real de um modo mais direto que o sintoma e, posteriormente, ao retratar a angústia como algo que antecipa o recalque – e em Lacan, cuja concepção de angústia se dá deslocada do registro da representação como falta de representação; por fim, será realizada uma breve e resumida análise da travessia da angústia na clínica psicanalítica.

Certamente, já existem inúmeras pesquisas que abordam a temática em questão, isso é, que discorrem sobre o afeto e a angústia, bem como sua relação com a vida subjetiva. Do mesmo modo, é notável a grande quantidade de casos clínicos cuja queixa reincide na questão da angústia. Todavia, o intuito é o de analisar, à luz da filosofia e da psicanálise, a incidência do afeto e da angústia na constituição subjetiva. Em virtude disso, esta investigação se torna relevante, haja vista que sua base teórica permitirá análises críticas da teoria psicanalítica, bem como propiciará uma interpretação crítica da filosofia.

O aporte bibliográfico está cuidadosamente selecionado entre as pesquisas já realizadas nas áreas de estudo em questão, como livros, artigos, documentos impressos e digitalizados, preferencialmente em sites especializados. Nesse sentido, a interlocução de áreas de conhecimento foi oportuna para o tratamento das questões basilares. Para a investigação do objeto de estudo em questão, desenvolveu-se um estudo bibliográfico cuja base teórica fundamental foi em psicanálise, mas com elementos importantes da filosofia. Da psicanálise, foram analisadas obras de Freud e Lacan e comentadores de ambos que retratam os elementos do afeto e da angústia e suas incidências na questão subjetiva. Da filosofia, foram analisadas obras de autores como Spinoza, Kierkegaard, Schopenhauer, Sartre, Heidegger e outros. O texto tem um caráter descritivo e analítico quanto aos conceitos fundamentais da psicanálise e da filosofia, com o intuito de explicar os pontos de interseção e distinção entre eles e, sobretudo, examinar e indicar aqueles que nortearão os espectros do afeto e da angústia na constituição subjetiva.

É notável que o objeto de estudo em tela – afeto e angústia – poderá ser melhor abarcado pela teoria psicanalítica associada às contribuições da epistemologia, da estética, da ética, da política e da religião, ao supor uma revisão geral de importantes proposições filosóficas. Essas contribuições provavelmente intercalaram alguns conceitos psicanalíticos freudianos e lacanianos, como os da pulsão e do desejo, do inconsciente, da sexualidade, do

narcisismo, do recalque e da sublimação, do simbólico, da fantasia e da linguagem, dentre outros.

## 2 Existência, afeto e angústia na filosofia

Etimologicamente, a palavra angústia se originou do vocábulo grego *argor*, que significa estreitamento, diminuição. Para Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, a angústia é um mal-estar provocado por um sentimento de opressão, que apesar de poder se referir à iminência de situações do cotidiano, como de medos decorrentes de algo que possa, de fato, acontecer, pode também decorrer de “inquietude sem objeto claramente definido ou determinado, mas frequentemente acompanhada de alterações fisiológicas” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p.13).

O sentimento de angústia retrata o modo como o indivíduo é afetado: um sentimento de desamparo e de emoções, que marcará sua subjetividade no sentido corpóreo e mental. O modo como se dá a vida afetiva ou propriamente o afeto deve ser entendido como o que se articula entre a significação produzida pelo sujeito no concernente ao corpo. Entretanto, a angústia não se resume ou se restringe ao medo cuja motivação se originou no corpo, mas de uma sensação que é alimentada pelo imaginário. Nesse sentido, o indivíduo, desde seu nascimento, há de experimentar momentos de angústia, conforme salienta André Comte-Sponville, em *Bom dia Angústia*: “nascemos na angústia, morremos na angústia. Entre os dois, o medo quase não nos deixa. [...] A angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o real, para o futuro, para a indistinta possibilidade de tudo”. (COMTE-SPONVILLE, 1997, p.11)

O tema da angústia e sua relação com a subjetividade é usualmente investigado na filosofia como parte de um processo existencial de indagação e escolhas do indivíduo frente às situações de embate ao longo de sua existência. Desse modo, a angústia, na história da filosofia, retrata um ponto fundamental quanto à constituição da subjetividade humana desde Platão, na antiguidade, alcançando expressões, em certa medida, nas teorias filosóficas de pensadores medievais, como Agostinho, modernos, como Kierkegaard, Schopenhauer e Spinoza, e contemporâneos, como Sartre, Heidegger, Nietzsche, Foucault, Deleuze, dentre outros.

Sobre a análise da relação entre mente e corpo, razão e emoção, Antônio Damásio (2012), em *O erro de descartes: emoção, razão e o cérebro humano*, salienta um aspecto da

mente: o fato de ela não estar vazia no começo do processo do raciocínio, mas repleta de um repertório variado de imagens, originadas de acordo com a situação enfrentada e que entrelaçada à consciência, não se deixando sintetizar de forma rápida e definitiva. Ressalta ainda que mesmo o pensamento, lidando com palavras e símbolos arbitrários, as palavras e outros símbolos estarão baseados em representações topograficamente organizadas e configurarão, eles próprios, imagens. Desse modo, Damásio (2012) acrescenta que a maioria das palavras que são utilizadas em falas interiores, antes de dizer ou escrever uma frase, existe sob a forma de imagens auditivas ou visuais na consciência.

Considerando que o sentimento de angústia remete à experiência do indivíduo em relação ao modo como ele é afetado, faz-se necessário entender a noção de afeto ou como este é constituído e constitui o campo da subjetividade. Desse modo, Spinoza (2009) pontua essa questão sobre o pensar a relação entre mente e corpo e, sobretudo, a afetividade humana, afirmindo que o indivíduo é causa do que se passa fora ou dentro de si, sendo ele um ser de potência, a qual determina seu modo também de agir. A realização dessa potência delinea o que a mente produz: o que se pode realizar de forma ativa ou passivamente.

Na filosofia de Spinoza, a razão, assim como a liberdade e autonomia de pensar do sujeito, fazem parte de uma dura conquista. Para Spinoza (2009), somos *Conatus* desde o início, mas não racionais. A variação do *conatus*, desse esforço de existir e de persistir no desejo, produzirá afetos diferentes em cada ser humano e entre os seres humanos. Afeto, em rápida síntese, é aquilo que incide sobre o sujeito. O termo “afeto”, do latim *affectus*, exprime uma transição de um estado a outro, tanto no corpo afetado, quanto no corpo afetante. Por afeto, Spinoza (2009) comprehende as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções são elaboradas, sejam elas ideias adequadas ou ideias inadequadas, confusas.

O afeto é, desse modo, produzido pelas afecções, pela modificação e variação da potência de agir do corpo e da mente. A afecção (*affectio*) é, por sua vez, uma espécie de mistura de dois corpos que podem ser imagens ou impressões, sejam elas olfativas, auditivas ou visuais. Por corpos, pode-se entender corpos linguísticos, corpos culturais, corpos ideológicos, corpos políticos, corpos espirituais, corpos artísticos, corpos poéticos, dentre outros, e não somente corpos biológico-cognitivos.

Pode-se entender que a consciência racional no sistema spinozano não faz do indivíduo um sujeito livre de qualquer influência do mundo, nem tampouco em condições de determinar o que o outro deve ser, mas, sim, a noção de consciência possibilita pensar o ser

humano como uma singularidade formada por arranjos corpóreo-mentais sempre correlacionados. O *conatus*, essa potência de desejar, de pensar e de agir, pode ser aumentada ou diminuída em decorrência de uma causa externa, numa espécie de jogo entre o princípio do prazer e princípio da realidade. A potência pode ser aumentada com afetos ativos (alegres), como o amor, o contentamento, a admiração, e diminuída com afetos passivos (tristes), como a melancolia, a soberba, a inveja, a injúria, a ironia, o desprezo, a vingança e o ódio, propriamente. (SPINOZA, 2009)

Para Spinoza (2009), a consciência é a consciência de uma imaginação e representação que o corpo capta, absorve e elabora no contato com outros corpos e no jogo das afecções. O aumento ou a diminuição de potência reflete então o aumento ou a diminuição do *conatus*, isto é, da capacidade de desejar, de ser e de agir. Visto que todas as pessoas experimentam os afetos, a diferença estará na capacidade de dissociar o afeto da imagem. As imagens produzidas no encontro com outros corpos podem gerar ideias inadequadas e, não propriamente, ideias adequadas sobre algo ou sobre si mesmo.

Os afetos-ações, decorridos da alegria, representam uma capacidade mental de pensar e um aumento de potência. Eles remetem ao esforço de viver e à autonomia para manutenção da vida e elaboração subjetiva, assim como remetem à liberdade humana suposta pela consciência dos próprios afetos e domínio de realidade. Sobre esse ponto, Spinoza esclarece:

[...] o desejo que surge da razão, isto é, o desejo que gera em nós enquanto agimos, é a própria essência ou natureza do homem, à medida que é concebida como determinada a fazer aquilo que se concebe adequadamente, em virtude apenas da essência do homem (SPINOZA, 2009, p. 196).

Já na passividade, ocorre uma diminuição de potência em função da dependência de causas externas. Exemplo disso é a servidão humana, na qual a impotência do servo o impede de refrear certos afetos, levando-o a se permitir às paixões, mesmo sabendo que aquilo o faz sofrer. Pode-se inferir com isso que não é um corpo que vai gerar uma ideia na mente, mas é pela natureza da mente que haverá a produção de ideias, inclusive as ideias das afecções. Em virtude de as afecções se tratarem de imagens ou impressões olfativas, auditivas, visuais que são produzidas pelo corpo simplesmente pelo fato de o ser humano existir, ocorre que a ideia de a imaginação poder dizer respeito ao que se produz pela mente, pela consciência. (SPINOZA, 2009)

Essa transição de um modo ao outro, sob a égide da variação do *conatus*, pode não envolver necessariamente a consciência, isto é, pode se dar no campo do inconsciente,

exprimindo a variação da potência de agir do corpo. Nesses termos, Claudia Murta (2011) lembra, em *Inibição, sintoma e angústia*, que Freud estabelece uma formulação sobre o tema da angústia, chamando atenção para o ato do nascimento, no qual a primeira situação de perigo passa a ser vivida pelo ser humano: um verdadeiro perigo para a vida, sem qualquer conteúdo psíquico. Para Freud, segundo a análise de Murta, “quando, posteriormente, a angústia é reproduzida como um afeto, certa perturbação quanto ao bom funcionamento dos órgãos do aparelho respiratório e do coração se apresentam como sinais da angustia primordial” (MURTA, 2011, p.368).

Outro marco filosófico para se pensar a questão existencial decorre das contribuições de Sartre, cujo tema da angústia percorre seus escritos. Em Sartre, a angústia aparece como um elemento ligado à liberdade, em que o homem deve se encarregar de efetuar a tomada de consciência sobre o seu agir no mundo. Em outras palavras, a consciência angustiada é decorrida da liberdade. Em *O ser e o nada*, Sartre esclarece que a existência humana se liga à liberdade, o que fica claro ao afirmar que “não há diferença entre o ser do homem e seu ser livre” (SARTRE, 1997, p. 68). Pode-se dizer com isso que a concepção sartreana de homem ou de subjetividade humana fundamenta-se na liberdade perpassada pela experiência da angústia.

Para Sartre, o homem é um ser inacabado, visto que primeiramente deve existir constituindo-se a partir de suas escolhas, para depois se definir enquanto tal. Todas as ações humanas supõem uma liberdade e, exercendo sua liberdade, o ser humano passa a ser responsável por tudo o que faz. Para exercer essa liberdade, portanto, o homem se angustia, haja vista que essa liberdade remete à consciência de si, à consciência de que existe uma consciência, calcada na indeterminação entre os motivos e o seu ato. Em especial, essa liberdade remete à responsabilidade, inclusive pelo outro. Desse modo, é por meio da angústia que ele concebe o que se é: “existe uma consciência específica da liberdade e essa consciência é angústia” (SARTRE, 1997, p. 19).

Como a existência humana é feita de constantes escolhas, conforme já salientado pelo próprio Sartre, a questão da angústia sobre as escolhas que são feitas também é analisada por Kierkegaard. Para ele, a angústia se dá através da experiência de escolher ou deixar de escolher. Entretanto, apesar de dolorosa, o homem poderá elevar-se à existência autêntica. A angústia há de surgir sempre que existe a possibilidade de escolher ou de não escolher. (KIERKEGAARD, 2007)

A liberdade desperta a angústia, visto que insere o indivíduo num horizonte de possibilidades, mas que ao mesmo tempo o remete à angústia de uma potência do nada. Mesmo livre, torna-se prisioneiro da incidência do significante e, de acordo com a análise de Oliviéri, “a partir da interrogação sobre o sentido do existente e do existir, Kierkegaard analisa qual a relação entre angústia e a construção da subjetividade, ou seja, o que significa a ânsia de ser “si mesmo” e qual o ônus desta escolha, como fator gerador de angústia” (2007, p.35).

Outro tema, no âmbito da filosofia, que incide ou diz respeito sobre a subjetividade do indivíduo é o sofrimento que, segundo Schopenhauer, é o estatuto mental do sofrer, proporcional ao nível de consciência do desejo e do querer. Nesse sentido, o indivíduo se torna completo em uma angústia desoladora, por realizar na sua consciência um ímpeto que é totalmente contraditório com sua condição mesma de limitação, da qual ele não consegue se desvencilhar. Em *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer esclarece que:

A essência do homem consiste em sua vontade se esforçar, ser satisfeita, e novamente se esforçar, incessantemente; sim, sua felicidade e bem-estar é apenas isto: que a transição do desejo para a satisfação, e desta para um novo desejo, ocorra rapidamente, pois a ausência de satisfação é sofrimento, a ausência de novo desejo é anseio vazio, *langor*, tédio (SCHOPENHAUER, 2005, p. 341).

Para Schopenhauer, o sofrimento provém da desproporção entre o que é exigido para os indivíduos e aquilo que os é dado. Isso marca a consciência do eu, da qual ele nunca vai se livrar, produzindo ao mesmo tempo um instrumento da vontade e da representação, o que traz à consciência o reconhecimento de que “ao conhecer no universal não conseguia reconhecer no particular, surpreendendo-se, com o que a pessoa fica fora de si” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 144).

A vontade, contudo, é condição de carência, de necessidades e de insatisfação consigo mesmo; pode-se dizer que a vontade proporciona a dor de seu vazio que nunca é preenchido. Para Schopenhauer, “a dor espiritual, como a mais aguda de todas, torna alguém insensível à dor física, o suicídio é bastante fácil para quem se encontra desesperado ou imerso em desanimo crônico, embora antes, em estado confortável tremesse com tal pensamento” (2005, p. 387). A autor acrescenta ainda que:

[...] à medida que o fenômeno da Vontade se torna cada vez mais perfeito, o sofrimento se torna cada vez mais manifesto. [...] Só com o sistema nervoso completo dos vertebrados é que a referida capacidade [sentir e sofrer] aparece em grau elevado, e cada vez mais quanto mais a inteligência se desenvolve. Portanto, à

proporção que o conhecimento atinge a distinção e que a consciência se eleva, aumenta o tormento, que, consequintemente, alcança seu grau supremo no homem, e tanto mais, quanto mais ele conhece distintamente, sim, quanto mais inteligente é (SCHOPENHAUER, 2005, p. 399).

Nota-se, em breve síntese, de acordo com preceitos schopenhauereanos, que tanto a vontade quanto o sofrimento decorrido dela passam a ensejar o que constitui a subjetividade humana. Em esteira parecida, Heidegger, em *Ser e tempo*, ao ressaltar a questão da angústia, é permitido recuperar o sentido do ser. Em suas palavras: “a disposição para a angústia é o sim à insistência para realizar o supremo apelo, o único que atinge a essência do homem” (HEIDEGGER, 1997).

Para Heidegger, o homem seria o único ente que pode se interrogar sobre o *Dasein* (ser-aí). É a experiência de angústia que introduz a estranheza e afasta a familiaridade com que o *Dasein* se reveste no cotidiano, reconduzindo-o ao ser-no-mundo. Embora a angústia possa deixar o homem sem referências, ela manifesta o nada, que, por sua vez, pertence à essência mesma do *Dasein*. Por essa razão, a angústia permite recuperar o sentido de ser humano, pois ela revela ao *dasein*, que é a morte, o projeto de ser mais autêntico do homem. Se não o fosse, o *dasein* não se angustiaria pela possibilidade do encontro com o vazio do não-ser.

Para Heidegger: “Ser-para-a-morte em sentido próprio não pode escapar da possibilidade mais própria e irremissível e, nessa fuga encobri-la e alterar seu sentido em favor da compreensão do impessoal” (HEIDEGGER, 1997, p.337). A morte, enquanto possibilidade, está em um tempo porvir, no qual o passado é o fundamento ontológico para um futuro, que tem em sua ponta temporal a angústia como um sentido de ser-para-a-morte. Heidegger esclarece ainda que:

A angústia singulariza e abre o *dasein* como “solus ipse”. Esse “solipsismo” existencial, porém, não dá lugar a uma coisa-sujeito isolada no vazio inofensivo de uma ocorrência desprovida de mundo. Ao contrário, confere ao *dasein* justamente um sentido extremo em que ele é trazido como mundo para o seu mundo e, assim, como ser-no-mundo para si-mesmo (HEIDEGGER, 1997, p.255).

Através da experiência de angústia, a condição primordial de ser-no-mundo é desvelada e entra-se em contato com a radical contingência e finitude da existência humana, pois o “ente” seria um modo de ser. Nas palavras de Renato Oliveira, a angústia tem um importante papel na reflexão do *dasein* em relação a sua existência humana, visto que ela é a única possibilidade que faz o homem compreender que foi lançado ao mundo de forma

avassaladora. Para esse autor, a análise da angústia pode ainda ser entendida como “a precariedade humana em sua existência confundida com o mundo, ou seja, ela comprehende o *dasein* como sentido ontológico e também o comprehende como existência, no sentido de que a angústia o comprime perante seu projeto e sua morte”. (OLIVEIRA, 2015, p. 13)

### 3 Da angústia filosófica à compreensão psicanalítica

O conceito de angústia na psicanálise será discorrido, neste tópico, considerando algumas das contribuições de Freud e Lacan. Existe uma diferença de abordagem entre Freud e Lacan acerca da angústia que pode ser situada na formulação da angústia como angústia de castração, no primeiro, e da angústia como um afeto que não é sem objeto, no segundo.

A teoria psicanalítica revela que a angústia foi um ponto nodal do pensamento freudiano. Com efeito, Freud apresenta duas teorias acerca da angústia, resultantes de diversas revisões do próprio autor, no decorrer dos anos em que se dedicou à construção do saber psicanalítico. Vale lembrar que o conceito de afeto tem especial importância no decorrer de sua elaboração teórica, pois permeou diversos aspectos da construção psicanalítica freudiana. Salienta-se que, segundo Freud (1914), em *As pulsões e suas vicissitudes*, o afeto passou a ser associado à dimensão pulsional, sendo compreendido como um representante psíquico da pulsão.

A primeira teoria da angústia de Freud teria sido desenvolvida entre os anos de 1905 e 1923, mais propriamente entre 1894 e 1900, período em que ele teria apresentado uma teoria econômica e caracterizaria a angústia por uma transformação direta do excesso de excitação sexual no corpo. Nessa fase de elaboração, Freud refere-se ao afeto como algo que chega à consciência e provoca uma sensação. Sob essa perspectiva, a angústia consiste em um produto da tensão sexual física que não alcançou o estatuto de afeto sexual, o que implica na conexão das tensões somáticas com as representações psíquicas.

Sonia Leite (2017, p. 30) lembra sobre os primeiros escritos freudianos acerca da clínica e discorre que “o afeto da angústia se articulava à discussão concernente às neuroses de angústia, da qual resultaria a sua primeira teoria sobre o assunto”. Para a autora, a noção de angústia aparece, desde o início, atrelada a outro conceito central da psicanálise, a saber, à questão da sexualidade. No *Rascunho E*, sobre a origem da angústia, Freud ressalta que:

[...] nessa neurose, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta, atinge o nível do limiar em que consegue despertar afeto psíquico, mas,

por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um afeto sexual não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em — angústia [...] (FREUD, 1886-1899/1990, p.273).

Freud (1886-1899/1990, p. 288) salienta ainda, no *Rascunho E*, que deve haver na angústia algo deficitário no campo do afeto sexual, na libido psíquica. No *Rascunho G*, o autor lembra a relação entre a excitação sexual somática e as representações psíquicas, na etiologia das neuroses, comparando os mecanismos subjacentes à melancolia e à angústia. No caso do reduzido nível de tensão, que Freud denomina como órgão Efetor, o indivíduo tende facilmente à predisposição à melancolia, ao passo que os indivíduos potentes tendem a adquirir neuroses de angústia.

O alcance da angústia como quantidade de sensação na teoria econômica freudiana da angústia declara que há no campo dos afetos algo perceptível: um sinal se mostra no desenvolvimento do aparelho psíquico na medida em que o ego passa a interferir no curso das quantidades e isso ocorre em relação a um mecanismo de defesa. Enquanto se percebe que nas neuroses de defesa existe um mecanismo de ordem sexual e somático que, por sua vez, implica nas representações psíquicas, na neurose de angústia o mecanismo se dá como uma excitação sexual que não chegou a atingir, propriamente o psiquismo.

A partir de *Os instintos e suas vicissitudes* (FREUD, 1914-1915/1974), o afeto passou a ser associado à dimensão pulsional, sendo compreendido como um representante psíquico da pulsão. No artigo *Repressão* (1914-1915/1974), o afeto foi definido como uma experiência subjetiva, consciente, e não idêntica à pulsão. Pode-se entrever que à luz da formulação da segunda tópica freudiana ocorre uma valorização da questão da afetividade. Contudo, a questão econômica cede lugar para a avaliação dos afetos, numa perspectiva da qualidade na pulsão. Invariavelmente, novos desdobramentos teóricos aconteceriam.

Para Telles, em *Inibição, sintoma e angústia*, remonta-se a reviravolta teórica, cuja nova concepção Freud apresenta “a oposição conceitual entre angústia sinal e sinal de angústia” (TELLES, 2003, p.69). Para Sônia Leite:

Será no texto “Inibições, sintomas e angústia” (1926) que Freud fará a reformulação de sua primeira teoria. Nesse ensaio, o tema se apresenta articulado à ideia de desamparo, condição primária do ser humano, sendo a angústia definida como um estado afetivo (*quantum* de energia) com um caráter acentuado de desprazer que é liberado, seja automaticamente (na vivência traumática), seja como um sinal que possibilita ao eu uma espécie de preparo cuja função é evitar o reviver da situação traumática ou do desamparo originário (LEITE, 2017, p.34).

A autora acima acrescenta que o avanço nessa abordagem freudiana remete à conclusão de que é a angústia que produz o recalque do desejo e não o contrário, e que a angústia, portanto, jamais surge da libido recalcada, tal como Freud considerou na primeira abordagem. De outro modo, “ali onde se ausenta o desejo emerge a angústia”. (LEITE, 2017, p.37)

No âmbito da teoria psicanalítica, *O Seminário 10 - a angústia* de 1962-1963, de Jacques Lacan, é também uma referência sobre formulações acerca da concepção de angústia. Nessa obra, Lacan apresenta diferenças fundamentais em relação ao que Freud teorizara sobre a angústia, embora a elaboração freudiana seja quase sempre um parâmetro para a teoria lacaniana.

Uma primeira questão a ser ressaltada é que, no desenvolvimento de sua teoria sobre a angústia, parece haver um deslocamento de certa insistência teórica para o fato de se pensar a angústia numa perspectiva articulada com registros do real, do simbólico e do imaginário. Isso não quer dizer que não há uma teorização propriamente dita, mas que é necessário entender sobre a estrutura da angústia, em Lacan o que salienta Miller:

O caminho do Seminário da Angústia, que é um caminho difícil, com a ressonância que essa palavra pode tomar a partir desse esquema, esse caminho é aquele de uma desimbolização do objeto, de uma desingularização do objeto, correlativa também de uma desimaginariação. Isso não pode se realizar sem tocar o que é um dos pilares do que Lacan estabeleceu como ensinamento, evidentemente isso toca a noção que ele legou do falo como significante. É precisamente isso que é trazido à baila no Seminário da Angústia, e de uma forma tão radical que chega até a ser invisível, uma vez que ela não é professada enquanto tal (MILLER, 2005, p.23).

Assim, sua concepção de angústia não pode estar dissociada do registro da representação sem representação. Outro elemento fundamental da teoria lacaniana sobre a angústia está associado ao que Lacan afirma sobre a existência de uma relação essencial entre a angústia e o desejo do Outro. Ao referir-se ao desejo do Outro, Lacan traz a dimensão do Outro como lugar do significante para a definição de angústia. No entanto, a angústia, para Lacan, não está relacionada ao desamparo inicial, mas sim ao amparo que ele recebe, no qual se faz enigmático algo que diz respeito ao desejo do Outro. A perda do objeto não está relacionada a uma ausência, mas a uma presença portadora de um enigma. Para Vera Pollo e Sandra Chiabi:

Não há como enganar que o encontro com a castração do Outro ou, se preferirmos, com o Outro faltante e, consequentemente, desejante, afeta profundamente o sujeito, a ponto dele ser levado a indagar se o outro o deseja morto, se ele quer a sua morte.

Partindo do real, ela se alastrá pelo imaginário, povoando-o de fantasmas (POLLO; CHIABI, 2013, p.148).

A célebre frase de Lacan coloca que a angústia é afeto que não engana. Entretanto, não se trata de uma emoção, mas um modo de afeto. Como dirá Lacan, de um afeto especial, que é da ordem de uma perturbação e não de um sentimento. Ao descrever sobre a introdução à estrutura da angústia, Lacan elucida:

A angústia é esse corte - esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem expresso pelo termo "pressentimento", que não deve ser simplesmente entendido como o pressentimento de algo, mas também como o pré-sentimento, o que existe antes do nascimento de um sentimento (LACAN, 1962-1963/2005, p.88).

A angústia é uma espécie de corte que se abre e que deixa aparecer o inesperado à visita do real. É nessa a noção de estar diante do Real que, na teoria lacaniana, surge a angústia como sinal da ordem do irredutível. Obtém-se daí a ideia de a angústia sinalizar a divisão significante do sujeito num horizonte entre o gozo e o desejo. Para Lacan:

A angústia, ensinou-nos Freud, desempenha em relação a algo a função de sinal. Digo que é um sinal relacionado com o que se passa em termos da relação do sujeito com o objeto a, em toda a sua generalidade. O sujeito só pode entrar nessa relação na vacilação de um certo fading, vacilação que tem sua notação designada por um S barrado. A angústia é o sinal de certos momentos dessa relação. Isso é o que nos esforçaremos por mostrar-lhes hoje, mais adiante, esclarecendo o que entendemos por esse objeto a (LACAN, 1962-1963/2005, p.98).

Para Lacan, o *objeto a* precede a captação do sujeito, no lugar do Outro, na forma especular, a saber: “é a ideia de um exterior de antes de uma certa interiorização, que se situa em a, antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular, em x, forma esta que introduz para ele a distinção entre o eu e o não-eu” (LACAN, 2005, p.64).

Portanto, para Lacan, a angústia não é sem objeto, o que não significa dizer que ela tem um objeto. O objeto que se trata na angústia é esse objeto que é apenas um lugar, que tem um estatuto especial de causa do desejo: o *objeto a*. Nesse sentido, leva Sônia Leite a afirmar que: “[...] o objeto é sempre objeto do desejo do Outro, e o desejo, por sua vez, é sempre desejo de Outra coisa. Verdade claramente vivenciada no *tédio*, como exemplifica Lacan, pois o tédio é esse momento em que todo nosso ser deseja *outra coisa*” (LEITE, 2017, p.44).

A autora enfatiza ainda, à luz da teoria lacaniana, que o desejo é o desejo do Outro, o que é o mesmo que dizer que o sujeito se constitui como humano, isto é, como ser da

linguagem, a partir do desejo do Outro primário. Para Lacan (2005), o desejo necessita do Outro para se constituir enquanto tal, o que exprime sua clássica tese segundo a qual “o desejo do homem é o desejo do Outro”. Sonia Leite ressalta a contribuição lacaniana para a compreensão do desejo, frisando que “aquilo que humaniza o bebê é justamente o fato de o Outro ser necessariamente falho nos cuidados, possibilitando a transmissão da incompletude para aquele que dele depende. É essa a dimensão da angústia de castração” (LEITE, 2017, p. 43). Sobre esse ponto, Christian Dunker recorda que:

A angústia é um fenômeno impensável sem o corpo, isso é patente em Freud, desde a relação com a motricidade e com as práticas sexuais até a ameaça real ao corpo e o trauma do nascimento. Mas Freud conta com o recurso do apoio das pulsões no corpo biológico ou pelo menos no corpo da autoconservação, Lacan não (DUNKER, 2006, p.2).

A partir da perspectiva das leis da óptica, que Lacan estabelece na teoria do estádio do espelho, aparece uma noção de que ali o sujeito adquire um domínio real sobre o seu corpo e que a imagem do corpo lhe dá uma primeira forma, que lhe permite situar o que é o eu e o que não é o eu. Conforme Sônia Leite salienta, “tudo depende da situação do sujeito, ou seja, da posição que é o seu lugar no mundo simbólico, no mundo da palavra” (LEITE, 2017, p.49).

Para Sônia Leite, é nesse momento do estudo sobre o registro do imaginário que Lacan busca uma articulação entre o estádio do espelho e o significante, de modo que quando o sujeito constitui corpo, palavra e imagem, se efetiva também sua divisão constitutiva em consciente e inconsciente. Para ela: “[...] se o real é representado pelo corpo despedaçado, é a palavra que advém do Outro que introduz o simbólico em suas articulações com o imaginário, permitindo ao sujeito o reconhecimento de um corpo próprio” (LEITE, 2017, p.50-51).

Assim, Lacan sustenta que é a partir do axioma do inconsciente estruturado como uma linguagem que deve ser feita a retomada da teoria psicanalítica. Nessa perspectiva, a linguagem é estruturante da subjetividade e, de fato, se dá a partir de elemento angustiante que poderá ser manifesto no discurso. Associado a isso, Fonseca lembra que “a ameaça a que o ser falante, na impossibilidade do recurso simbólico, responde com angústia que, como diz Lacan, tanto tem a função de sinal como de uma interrupção na sustentação da libido” (2009, p.43).

É possível analisar, a partir de estudos de Freud, que a angústia afeta diretamente o corpo, já que é justamente nele, no corpo, que aparecem seus indícios. Inclusive, a angústia pode aproximar-se do gozo na medida em que faz o corpo transbordar em sensações

desprazerosas. Por essa razão, Lacan (2010) reafirma a posição freudiana de que a angústia, em si, é um afeto e não um sintoma. Nesse caso, um ponto fundamental acerca do que Lacan elabora sobre a angústia relaciona-se à ideia de há uma relação essencial entre a angústia e o desejo do Outro.

Ao analisar a possibilidade de a clínica psicanalítica se colocar na fronteira como uma alternativa para o enfrentamento da angústia ou para lidar com ela com vistas à questão da subjetividade, é importante frisar que a angústia sinaliza uma divisão subjetiva em que, através da situação do gozo se fará a experiência do desejo, de tal modo que ela é uma espécie de momento intermediário de fundamentação do desejo. A partir disso, certamente pode-se inferir que também a função do desejo do analista é crucial no manejo da angústia que lhe é apresentada.

Vale ressaltar que o termo “atravessar” não equivale dizer que com isso se adquire, necessariamente, a capacidade de suportá-la, mas o de fazer questionamentos sobre a posição de sujeito para que o desejo possa ser repensado. Ao enfatizar o caráter de duplicidade da angústia e o porquê da expressão “atravessar”, pode-se contrapor uma possibilidade de extinguir ou diminuir. Duarte salienta que não há possibilidade de superação e atravessamento da angústia, pois ela está na base da possibilidade de existência humana.

Nota-se que o vazio, seja qual for seus desdobramentos na existência do sujeito, dificilmente será preenchido, mesmo com a busca de significantes que possam dar algum sentido à sua existência. Entretanto, suportar e lidar com tal vazio equivale à construção de bordas que sustentem o furo em questão e promovem a atualização do desejo. Nessa perspectiva, Carvalho ressalta que:

Na condução de uma análise, o desejo do analista também se apresenta como um vazio que permite ao sujeito instalar aí o desejo do Outro ao qual se sujeitou, fazendo aparecer assim os significantes dessa dependência e, para além deles, seus pontos de gozo e os objetos a a eles associados. A análise interroga o sujeito na raiz de seu desejo, lá onde ele só está como *causa de desejo* [...]. Em razão das identificações, da fantasia e dos sintomas serem abalados pelo trabalho da análise, a angústia velada emerge e indica que a análise está no caminho do desejo [...]. No manejo da transferência, o desejo do analista [é] o principal causador da angústia na análise (CARVALHO, 2005, p. 44-45).

Ao evocar a angústia, o analista ocupa, ao mesmo tempo, o desejo do analisando e, na análise, antes de demandar um saber sobre o sofrimento que está em jogo, ocorre a possibilidade da alteridade ou do que se denomina condição transferencial. Invariavelmente, o

analista é colocado pelo sujeito no lugar do Outro, de tal maneira que é atribuído a ele um suposto saber sobre seu sofrimento e questões relativas à sua existência. Para Rodrigues:

O ato psicanalítico reedita esse corte fazendo ressoar, a partir do furo interior da estrutura do sujeito do inconsciente o tom de cada uma das subjetividades, ao dar voz às suas produções. O tom de cada um de nós não se escuta no burburinho do dia a dia. É preciso parar, delimitar o espaço-tempo para se fazer ouvir no silêncio da pulsão silenciosa, pulsão de morte (RODRIGUES, 2017, p.18).

Ao se trilhar o caminho da experiência e da constituição subjetiva, perpassadas pelo liame do afeto de angústia ou da compreensão da relação entre afeto e angústia pode-se entrever uma possível ideia de travessia na instância da letra, ao passo que escrever, refletir e falar implicam o Outro em sua singularidade existencial, tanto na ótica de uma abordagem filosófica quanto na perspectiva psicanalítica.

#### 4 Considerações finais

Uma primeira consideração conclusiva deste breve estudo sobre o que perpassa a relação entre afeto e angústia e sua incidência na constituição subjetiva é que a filosofia se manteve como testemunha e interlocutora da psicanálise acerca dos temas do afeto e da angústia na constituição da subjetividade humana. Tal como se analisou no tópico intitulado *Existência, afeto e angústia na filosofia* a partir das premissas de filósofos como Spinoza, Sartre, Kierkegaard, Schopenhauer e Heidegger, pode-se notar que cada qual, mesmo com objetivos e perspectivas distintas acerca da temática em questão, manteve-se em sintonia e interlocução com a teoria psicanalítica na abordagem de elementos constitutivos da existência humana.

Sobre isso, não é difícil concluir que a relação/interlocução (guardada a proporção e tempo) entre Filosofia e Psicanálise está consolidada, tanto pela variedade de conceitos filosóficos que passa pelo crivo analítico da Psicanálise, quanto pelos vários conceitos psicanalíticos que são submetidos à interpelação filosófica.

A partir desse estudo proposto ou de outros que propõem interlocuções entre Filosofia e Psicanálise, pode-se inferir que a separação de ambas, sobretudo de maneira radical, é contraproducente, visto que ao se analisar suas fronteiras, percebe-se possíveis aproximações, embora que algumas distinções sejam notáveis.

Quanto às aproximações, pode-se dizer que quando se toma a cultura como objeto ou dela se faz uso para estudo de algum tema em específico, vários filósofos e teóricos da

psicanálise tiveram de se desdobrar nas leituras do cotidiano cultural para traçarem elementos dos arranjos subjetivos e intersubjetivos que ali se constituem.

É certo que ao realizarem tais análises das condições pelas quais as atividades sociais se desenrolam o caráter marcante das experiências humanas, é colocado em questão para sua investigação, tanto em termos de condições quanto em possíveis tensões e constituição de atividades cotidianas. Também é certo, e aqui uma questão de fronteira se coloca para distinguir a prática psicanalítica do fazer filosófico, que é possível que o saber filosófico se constitua e se volte o tempo todo para a reflexão, inclusive direcionando sua reflexão para campos variados de produção de conhecimento e, assim, tornando-se possível, inclusive, uma filosofia da psicanálise e, de igual modo, a psicanálise se voltar ao comportamento de um filósofo para proceder uma análise no sentido clínico.

Este texto procurou reforçar o quanto a psicanálise, tanto em Freud quanto em Lacan, tem a linguagem como estruturante da subjetividade, de tal modo que ela se dá a partir de um *pathos* fundamental, de um vazio, em especial no manejo e na experiência da clínica. Cabe destacar que o que distingue a prática psicanalítica da filosófica se revela no espaço da clínica com seus pressupostos e fundamentos, em especial quanto à atenção dada ao sujeito na sua singularidade enquanto sujeito em busca de seu desejo e resolução de sua angústia diante de sua vida cotidiana e existência.

Quanto ao tema da angústia, em específico na teoria psicanalítica, examinou-se que ela é um dos conceitos da economia psíquica freudiana e está no campo dos afetos, tanto na primeira quanto na segunda tópica. Discorreu-se ainda sobre o conceito de afeto e sua especial importância no decorrer da elaboração teórica freudiana. Assim, pode-se constatar que Freud, em um primeiro momento, avaliou que o afeto da angústia era um resultado do recalque. Sobre esse ponto, é possível constatar também que a angústia afeta diretamente o corpo, visto que é nele que aparecem seus indícios e, em certos casos, sem exigir mediação simbólica.

À luz da formulação da segunda tópica freudiana, houve uma valorização da questão da afetividade. Contudo, a questão econômica desloca-se para a avaliação dos afetos numa perspectiva da qualidade na pulsão. Invariavelmente, novos desdobramentos teóricos aconteceriam e na proposta de reelaboração da teoria freudiana, o conceito de afeto repercutiu na teoria lacaniana. Todavia, para Lacan, a angústia *não é sem* objeto, o que não significa dizer que ela tem um objeto. Logo, objeto que se trata na angústia é o objeto que é apenas um lugar que é a causa do desejo, ou seja, o denominado *objeto a*.

Destaca-se que, para Lacan, a angústia é sinal da divisão significante do sujeito e ela é uma função mediana entre o gozo e o desejo. A angústia é introduzida como manifestação específica nesse nível do desejo do Outro. Ao referir-se ao desejo do Outro, dá-se a entender que Lacan traz a dimensão do Outro como lugar do significante para a definição de angústia.

Nota-se que Lacan reafirma a posição freudiana de que a angústia, em si, é um afeto, e não um sintoma. Diante disso, não há como curá-la apenas com psicofármacos, pois ela é um inseparável prisma do desejo. A partir do breve histórico do tratamento médico e das sucessivas alterações no DSM, constata-se que a medicação, como o único tratamento para esse sofrimento psíquico, só terá como efeito reforçar esse estado de dor.

Por fim, os apontamentos tanto da teoria freudiana, mas, sobretudo da teoria lacaniana, auxiliam a concluir que angústia tem como função, no processo analítico, de apontar para o lugar em que o sujeito se fundamenta, para que caiam as construções imaginárias em resposta ao desejo do Outro, subtendendo-se que, mesmo diante das manifestações diversas do afeto da angústia, no âmbito da clínica, chegando até mesmo às dificuldades no manejo, a travessia na angústia faz parte da condição existencial e é um processo que sugere o ato de transpassar ela própria e não a sua extinção.

## 5 Referências

CARVALHO, Maria Célia Delgado. A Função da Angústia na Análise. In: **Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 10, p. 42-48, abril de 2005.

CASTILHO, Pedro Teixeira. Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. In: **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 19 - n. 2, p. 325-338, Jul./Dez. 2007

COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, angústia!**; Tradução Maria Ennantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DE ANGELIS, Thais Klein; OLIVEIRA, Regina Herzog. A angústia como pathos fundamental: uma questão freudiana. In: **Revista Subjetividades**, vol. 17, núm. 1, enero, 2017, pp. 90-97. Universidade de Fortaleza Fortaleza, Brasil.

DUNKER, C.I.L. (2006). A angústia e as paixões da alma. In: N. V. A Leite (Org.), **Corpolinguagem - Angústia**: o afeto que não engana. Campinas, SP: Mercado de Letras. (pp. 305-316)

DUNKER, Christian Ingo Lenz; NETO, Fuad Kyrillos. A crítica psicanalítica do DSM-IV – breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. In: **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 611-626, dezembro 2011.

FIGUEIREDO, L. C. As províncias da angústia (Roteiro de viagem). In: **Revista de Psicopatologia Fundamental**, 2(1), 50-63. 1999.

FREUD, Sigmund. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago. 1976. v. XX. Apêndice c - angústia, dor e luto, p. 194.

\_\_\_\_\_. (1914-1915). **As pulsões e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1900-1901). **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

\_\_\_\_\_. (1895). **Estudos sobre histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. **Rascunho E. Como se origina a angústia (jun. 1894)**. In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GUERRA, Andréa Máris Campos. Psicanálise e produção científica. In: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira. **Pesquisa em psicanálise**: transmissão na Universidade. Barbacena Mg: Ed. UEMG, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 2007.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Betty Milan. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

\_\_\_\_\_. (1956-1957). **O Seminário, Livro 4 - A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. (1959-1960) **O Seminário, Livro 7 - A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. (1962). **O seminário, Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964). **O seminário, Livro 11: Introdução à leitura do seminário da angústia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.

\_\_\_\_\_. (1972-1973). **O seminário, Livro 20:** mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

\_\_\_\_\_. (1975-1976). **O Seminário, Livro 23:** 0 sinthoma. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução Sergio Laia; revisão Andre Telles]. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LEITE, Sonia. **Angústia:** psicanálise passo a passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MILLER, Jacques-Alain. Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan. Tradução de Vera Ribeiro. In: **Opção Lacaniana:** Revista brasileira internacional de psicanálise. n.43. Maio 2005. p.7-91.

MURTA, Claudia. A angústia tratada como um afeto. In: **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 359-375, jul./dez. 2011.

OLIVIÉRI, Maria de Fatima Angústia existencial sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. In: **Controvérsia – v.3, n.2**, p. 32-41 (jul-dez 2007)

OLIVEIRA, Renato Bandeira Severino de. A Angústia e suas caracterizações. In: **Problemata: R. Intern. Fil.** v.6, n. 3(2015), p 5-23.

POLLO, Vera; CHIABI, Sandra. A angústia: Conceito e fenômenos. In: **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 4 - n. 1, jan./jun. 2013. p. 137-154

RODRIGUES, Gilda Vaz. Revisitando o conceito de angústia. In: **Reverso**. Belo Horizonte, ano 39, n. 74, p. 15 – 20. dez. 2017

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SOLER, C. **Declinações da angústia**. São Paulo: Escrita, 2012.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2<sup>a</sup> Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TELLES, Rosana da Silva. As vicissitudes da teoria da angústia na obra freudiana. In: **Revista mal-estar e subjetividade / FORTALEZA / V. III / N. 1 / P. 60 - 77 / MAR. 2003.**

WERLE, M. A. (2003). A angústia, o nada e a morte em Heidegger. In: **Trans/Form/Ação**, 26 (1), 97-113.

AFETO E ANGÚSTIA: APONTAMENTOS EM FILOSOFIA E PSICANÁLISE

LUCINEY SEBASTIÃO DA SILVA  
APARECIDA ROSÂNGELA SILVEIRA